

Áudio na escola – exercícios de (re)conhecimento de identidades pela mediação docente

Rafael Sbeghen Hoff¹

Resumo

O presente artigo articula ideias sobre a educação escolar na contemporaneidade e as contribuições da Comunicação Social para as práticas didático-pedagógicas na escola. Teorizando sobre mídia-educação como campo de intersecção entre os saberes desenvolvidos no campo da Educação e da Comunicação, propõe um aperfeiçoamento de professores rumo à apropriação das tecnologias de informação e comunicação (TICs) nas relações de ensino-aprendizagem. Com ênfase nas estratégias e ferramentas comunicacionais de mensagem acústica, oferece exemplos de uso das TICs em sala-de-aula baseados em experiências desenvolvidas em diferentes disciplinas de graduação e cursos de extensão acadêmica. O objetivo final é contribuir com as discussões e troca de experiências a respeito da educação escolar na Era das Mídias e seus desdobramentos sobre a imagem identitária dessa comunidade.

Palavras-chave: mídia-educação, rádio, educação.

Abstract

This article connects ideas about education in contemporary society and the contributions of the media for the didactic and pedagogical practices in school. Theorizing about media education as a field of intersection between the knowledge developed in the field of Education and Communication, proposes an improvement of teachers towards the acquisition of Information and Communication Technologies (ICTs) in the relationship of teaching and learning. With an emphasis on strategies and tools of acoustic message, offers examples of ICT use in living-classroom, based experiences in different contents of graduate courses and academic extension. The ultimate goal is to contribute to the discussions and exchange of experiences regarding education in the Age of Media and its consequences on the community identity.

Keyword: media-education, radio, education.

Recebido em: 24/01/2014

Aceito em: 21/05/2014

¹ Professor do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul, graduado em Jornalismo, mestre em Letras e Cultura Regional, doutorando pelo PPGCOM/UFRGS em Ciências da Comunicação.

Um homem que tem algo a dizer e não tem ouvintes está em má situação Porém em situação pior estão os ouvintes que não encontram quem tenha algo a lhes dizer.
Bertold Brecht

Escolas, TICs e áudio

O ambiente escolar há muito tempo deixou de ser restrito à sala-de-aula ou ao espaço limitado pelos muros da instituição. Na percepção contemporânea, a comunidade escolar é composta por educandos e educadores, mas também por todo o contexto de vida (e dos agentes nela inscritos) destes. Assim, temos a construção prática daquilo que Pozenato (2003) chama de regionalidade, ou seja, uma rede ou sistema formado por elos que ligam agentes dentro deste campo simbólico, de maneira randômica e com maior ou menor grau de conectividade entre eles. Definindo diferentes critérios a serem considerados por quem olha para este campo simbólico, a rede muda sua configuração.

Nessa perspectiva de regionalidade, a região pode ser configurada sobre o espaço físico a partir de elementos subjetivos, não tangíveis, e sempre arbitrários (por parte de quem os define). Se a palavra *régio* é originada de Rex (território sob a influência do rei – Idade Média), podemos também perceber uma ordem neste sistema, qual seja a identificação de um (ou mais) centros ou polos em torno da qual (dos quais) gravitam os elementos componentes deste sistema. Mudando os critérios que definem a regionalidade, mudam também os polos gravitacionais.

Exemplo disso seria a configuração de uma turma de alunos. Em sala-de-aula, numa determinada disciplina, alguns alunos demonstram pró-atividade e envolvimento nas tarefas propostas por possuírem mais desenvoltura ou mesmo por afinidade afetiva com o educador. Muda a disciplina e o ambiente (ex. Educação Física) e os papéis mudam, a liderança do grupo é exercida por outros agentes e o capital simbólico pode passar de habilidades cognitivas ou rapidez de raciocínio para força e velocidade.

Essa mudança de papéis também acontece na sociedade em que a Instituição Escolar está inserida. Ora a autoridade é exercida pelos familiares, ora pelos professores, ora pelos símbolos midiáticos. É inegável a presença e a relevância dos conteúdos midiáticos na (in)formação dos educandos do século XXI. Mas a mediatização se faz pelos filtros, pelos critérios e pelos interesses de outros agentes como o veículo de comunicação, o repórter, o grupos de pressão e poder... E o ambiente escolar parece ter, por muito tempo, se omitido do seu papel crítico e formador diante das estratégias de manipulação e/ou orientação midiática sobre a sociedade, consolidando uma imagem de aparelho ideológico do Estado althusseriano.

[...] a escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente à escola pública, atuar nos sentido de com-

pensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando. (BELLONI, 2005, p.10)

Não é segredo que a perspectiva educacional de Paulo Freire trata sobre uma aproximação da Educação como processo do contexto vivencial dos educandos e educadores. Como afirma Jovino Pizzi, “o método Paulo Freire pode ser considerado como um método hermenêutico-fenomenológico das práticas cotidianas, pois se trata de ler o mundo e de compreender o sentido das experiências vivenciadas em um contexto partilhado com os demais. [...] Não se trata, pois, de uma lógica ou de uma análise quanti-qualitativa, ou seja, de um processo meramente instrumental, mas de interações de um sujeito com seu mundo e com as pessoas do seu entorno.” (PIZZI, 2010, p. 98-99)

A perspectiva freireana reforça que a educação deve ser vista como um processo contínuo, pois “a capacidade de aprender, não apenas para nos adaptar mas sobretudo para transformar a realidade, para nela intervir, recriando-a, fala de nossa educabilidade a um nível distinto do nível do adestramento dos outros animais ou do cultivo das plantas”. (FREIRE, 1996, p. 68)

Traduzindo essa perspectiva para uma práxis, o educador tem como desafio dar voz à pluralidade na teia da diversidade que é o ambiente escolar. Para Muniz Sodré (em entrevista concedida a Regiany Silva e Patrícia Gomes²) a incorporação das linguagens tecnológicas ao processo de ensino-aprendizagem se faz indispensável na contemporaneidade.

Tecnologia é a razão ou a linguagem da técnica. A consciência do homem contemporâneo é fortemente moldada não apenas pelos objetos técnicos de que dispõe, mas principalmente por um “coração” afinado com a ambiência tecnológica. Como toda aprendizagem começa a partir da ambiência (família, meio natural etc.), o diálogo educacional incluirá necessariamente os pressupostos tecnológicos do modo de existência. (SILVA E GOMES, 2014)

Para o estudioso, é preciso transcender os muros da escola e entendê-la como ambiente simbólico, entrelaçado com outros campos sociais, e defende a remodelação da educação e da própria identidade escolar, agregando sobre essa ruptura uma nova forma de educar privilegiando a diversidade expressa nas linguagens que emanam da comunidade escolar.

Eu falo de desprendimento físico, de escola entendida como centro imóvel de transmissão de conhecimento e formação humana. Escola é, na verdade, uma forma moderna (assim como a democracia e o mercado são formas) da socialização do saber. Essa forma não deveria ser monológica, nem monocultural, e sim o processo de incorporação e diálogo com todos os saberes circulantes num grupo humano qualquer. Seria essa a ecologia dos saberes. (SILVA E GOMES, 2014)

² <http://porvir.org/porpensar/a-escola-deveria-incorporar-ecologia-dos-saberes/20140203>

A linguagem oral, no processo de socialização, ganha destaque por anteceder o letramento e a alfabetização. E a comunicação acústica, pensada como rádio-escola, se torna um instrumento passível de promover a integração, a socialização e visibilidade dessas linguagens, dessa diversidade de que fala Sodré. “O rádio possui uma característica toda própria para converter, na mente do ouvinte, ideias, palavras e ações em imagens auditivas. Mediante o emprego de técnicas podemos criar uma tela na mente da pessoa, levando-a a imaginar o sentido daquilo que queremos criar” (CESAR, 2005, p. 141)

A cultura do ouvir impõe ao ouvinte um exercício intelectual de construção de imagens ou paisagens sonoras, construídas a partir de suas experiências ou mesmo pela capacidade de imaginar e inventar relações entre os signos acústicos e seus significantes/significados.

Os sons provocam a criação de cenários mentais, geram imagens endógenas. [...] A criação de imagens endógenas geram o que Dietmar Kamper chama de ‘fantasia’. Quando o ouvinte gera suas imagens endógenas a partir do meio rádio, temos uma confluência de realidade e ficção, de realidade e fantasia; uma fantasia que é ‘ao mesmo tempo coercitiva e liberatória, trivial e esotérica, uma espécie de morte e uma maneira de vida’ (WULF E BORSARI apud MENEZES, 2007, p. 98)

Esse campo da criação de imagens endógenas, ou seja, de imagens que não estão prontas ou definidas conforme Hans Belting (apud MENEZES, 2007), se apresenta ao processo de ensino-aprendizagem como um campo fértil para a “desconstrução do olhar” para além da percepção sensorial da visão. Desenvolve-se assim como um espaço de experimentação e de sensibilização aos sons, às fontes sonoras e às relações dos sons como signos com seus significantes.

Porém, tão ou mais importante do que a disponibilidade e a instrumentalização técnica sobre os meios populares de comunicação, como o rádio, talvez seja a preocupação necessária com o conteúdo e sua apropriação por parte da comunidade escolar, entendida como esse sistema que abrange educadores, educandos e seus entornos. Neste ambiente, é preciso manter foco sobre os objetivos da comunicação como instrumento pedagógico, num sentido de comunicação popular, como enaltece Peruzzo:

A participação popular implica uma decisão política e o emprego de metodologias operacionais que o favoreçam. Em matéria de comunicação, não basta incentivar o envolvimento. É necessário criar canais para tanto e mantê-los desobstruídos. Isso tem a ver com objetivos estratégicos, ou seja, aonde se quer chegar. (PERUZZO, 1998, p. 276)

As estratégias comunicativas que visam a perspectiva popular da radiodifusão, na prática da visibilidade e da propagação das múltiplas vozes que compõem o tec-

do social, são variadas e nem sempre têm como protagonistas as instâncias públicas de governo. Muitas delas são capitaneadas por pessoas envolvidas direta ou indiretamente com movimentos sociais e até mesmo com instituições não-governamentais preocupadas com a promoção da autonomia cidadã de suas relações (PERUZZO, 1998). Mais do que isso, a ecologia da educação acredita e defende que a escola não é mais o lugar principal da transmissão do conhecimento, como ampara Lévy.

A inteligência ou a cognição são o resultado de redes complexas onde interagem um grande número de atores humanos, biológicos e técnicos. Não sou “eu” que sou inteligente, mas “eu” com o grupo humano do qual sou membro, com minha língua, com toda uma herança de métodos e tecnologias intelectuais (dentre as quais, o uso da escrita). [...] Fora da coletividade, desprovido de tecnologias intelectuais, “eu” não pensaria. O pretense sujeito inteligente nada mais é que um dos microatores de uma ecologia cognitiva que o engloba e restringe (LÉVY, 1993, p. 135)

A mídia, nesse contexto de ecologia da educação, é outro microator que interage através das TICs e que influencia, se não *o quê* as pessoas pensam e falam, pelo menos *sobre o quê* pensam e falam.

Por outro lado, retomando a discussão sobre a produção e difusão dos conteúdos acústicos, vale ressaltar a importância da adaptação do meio rádio com a época da convergência de mídias. Portabilidade e individualidade são práticas incorporadas ao cotidiano de educandos reforçadas por avanços e acessibilidade às tecnologias, tais como aparelhos de telefone celular com captação *streaming* de emissoras de rádio em Frequência Modulada (FM), armazenamento e reprodução de arquivos portáteis de áudio (podcasts), fones de ouvido, para nos mantermos apenas em alguns elementos da/na comunicação acústica.

Outro aspecto importante sobre a influência das internet e plataformas digitais multimidiáticas sobre o *fazer* rádio está na produção e divulgação de conteúdos de maneira integrada e interagente, ou seja, publicação de conteúdos em textos e imagens (nos blogs, sites, mídias sociais, etc.) que apoiam e complementam as mensagens acústicas difundidas. Essa perspectiva amplia as capacidades de comunicação e interação da mensagem acústica, bem como exige habilidades e desenvolvimento de reflexões mais apuradas sobre os conteúdos a serem publicizados, tentando dar conta do contexto em que são produzidas/assimiladas.

Para Canclini (1997, 247-248), é no contexto da apropriação da cena pública pelos meios eletrônicos de comunicação, que se converteram nos principais formadores do imaginário coletivo, que estão presentes os cenários de consumo onde se forma o que poderíamos chamar de bases estéticas da cidadania. (NUNES, 2001, p. 236)

Retomando as contribuições dos avanços tecnológicos para o ambiente radio-

fônico, a rádio-escola hoje não depende mais de concessões públicas de radiodifusão para chegar à comunidade. Por meio da contratação de serviços de hospedagem de rádios online ou mesmo pela disponibilização periódica de conteúdos sonoros em arquivos para download nos blogs e plataformas de compartilhamento de áudio (ex. www.soundcloud.com³) é possível fazer a mensagem ir além do ambiente físico da escola.

Para a efetiva constituição de uma rádio-escola que promova a cidadania e a formação política dos agentes envolvidos nessa teia, é preciso consolidar uma metodologia de atuação dos educadores e educandos. Mais do que impor modelos, uma das premissas da rádio-escola deve ser a experimentação. Promover a criatividade na busca da manifestação cultural autêntica dessa comunidade parece ser um percurso difícil e construído aos poucos, uma vez que as práticas mercadológicas de programas radiofônicos infantis (tomados aqui como exemplo) em emissoras comerciais tendem a reproduzir conteúdos e modelos estéticos adultos e consolidados, muitas vezes reduzindo a infância (tida como *mote* dos programas) apenas à apresentação mirim.

A reflexão sobre as práticas, abertura à críticas e à participação de outros agentes são igualmente importantes nas estratégias didático-pedagógicas. O repensar constantemente a escola e seu papel, bem como dos agentes desse campo social, desacomoda educadores e educandos, chamando-os à responsabilidade sobre suas atuações. Diferente de um instrumento educativo, a rádio-escola com caráter comunitário (que aqui é definida não por seu caráter tecnológico, como alcance ou potência, mas por sua estratégia comunicativa e de gestão) possui potencial para ser promotora de elementos mais profundos do que o conhecimento formal transmitido pela escola. Conteúdos como economia doméstica, direitos e deveres do cidadão e do consumidor, serviços e orientações de saúde são exemplos da diversidade de temas que podem ser trabalhados pelos comunicadores. As fontes, além daquelas encontradas na internet, podem ser encontradas na própria comunidade escolar, através da contribuição dos familiares dos alunos, agentes de saúde, profissionais ou acadêmicos que residam nas imediações da escola...

A RE (rádio escolar) não pode ser concebida apenas como mais um recurso didático-pedagógico na escola, mas como um dispositivo que permite inserir professores e estudantes e toda a comunidade escolar num debate permanente sobre os textos e os discursos que circulam na esfera da comunicação, espaço altamente prestigiado pela sociedade letrada contemporânea, o que pode ajudar a escola a cumprir o propósito de promover uma educação verdadeiramente emancipadora. (BALTAR apud CONDE, 2010, p. 2-3)

Essa concepção política sobre a atuação da rádio escolar comunitária fortalece o enfrentamento das dificuldades por seus agentes e contribui para a formação de

³ O Soundcloud.com é uma plataforma digital de postagem e compartilhamento de conteúdos em áudio na web. Para utilizá-la, o usuário deve se inscrever criando uma conta a partir de um e-mail, sem custo para depositar arquivos ou baixá-los como arquivos de outros usuários. Funciona para o áudio como a plataforma Youtube funciona para a linguagem audiovisual.

uma identidade coesa, ainda que respeitando a diversidade e complexidade das realidades inclusas nesse campo social. Afinal, como afirma Nunes

[...] evitar reclamações, ligar-se às atitudes do dia-a-dia significa a não discussão, a não participação nos destinos da comunidade, da cidadania e do país. Se as rádios comunitárias erram ao promover certos candidatos, erram ainda mais quando adotam um discurso conformista ou quando mascaram as reais condições de vida da população. [...] Num país com elevado grau de analfabetismo como o Brasil, as rádios comunitárias teriam um importante papel, não determinando, mas influenciando a formação do senso crítico e estimulando a reflexão. (NUNES, 2001, p. 245)

No ambiente escolar, não raro encontram-se melindres entre gestores e docentes sobre a voz e as ideias dos estudantes. Ainda, por incrível que possa parecer na segunda década do século XXI, encontra-se a perspectiva de que os estudantes vão à escola receber conhecimento, reduzindo-os à condição de *tábula rasa*. Bertold Brecht já apontava entre 1927 e 1932 seu temor quanto ao uso do rádio como meio de distribuição unilateral de conteúdos sonoros. Para ele, se usado como dispositivo de comunicação, o rádio assumiria sua verdadeira vocação. “O rádio se tornaria, provavelmente, a melhor aparelhagem da vida pública, uma vasta rede de canais. Isto quer dizer, ele seria isso, se soubesse como receber, assim como sabe transmitir, se soubesse como deixar o ouvinte falar, assim como sabe fazê-lo ouvir.” (BRECHT, 1983, p. 89 apud MENEZES, 2007, p.50)

A essência democrática do rádio reforça a pluralidade de vozes e saberes na comunidade escolar. Como afirma Menezes,

[...] todo o processo de conhecimento é uma expressão de mestiçagens, uma negociação entre as diferenças, o cultivo das porosidades que permeiam, por exemplo, as formas de entonação e sotaque com que as pessoas falam a própria língua ou uma língua estrangeira. Assim, cultura implica altruísmo, complementaridade, tolerância e reconciliação. (MENEZES, 2007, p.120)

Retomando o papel do campo escolar para a relação dos cidadãos com a mídia, podemos assumir a perspectiva de uma atuação sobre mídia-educação que, segundo Belloni,

[...] tem objetivos amplos relacionados à formação do usuário ativo, crítico e criativo de todas as tecnologias de informação e comunicação. [...] Neste contexto de modernidade radical, de ambivalência entre o global e o local na construção do mundo vivido e refletido, de obsolescência rápida dos saberes e das técnicas, o papel da escola em todos os níveis é cada vez mais a formação do cidadão competente para o futuro. (BELLONI, 2005, p.46-47)

Talvez tão urgente quanto a preparação para o futuro seja a preparação dos educandos para o presente e esta, sem dúvidas, deve começar pela formação dos pro-

fessores. A seguir, este artigo trata de sugestões de exercícios para uso da mensagem sonora e do processo de captação-audição-reflexão como instrumentos didáticos. Tais exercícios foram aplicados em sala-de-aula, na Universidade de Caxias do Sul com estudantes do primeiro semestre de Comunicação Social em diferentes oportunidades (2008, 2012, 2013, 2014). A proposta foi formulada a partir do cruzamento das leituras a respeito de paisagens sonoras, radiojornalismo e mídia-educação.

Na aplicação destes exercícios por parte do autor, foram levadas em consideração a disponibilidade de recursos (gravadores de som, *notebooks* para descarregar os arquivos de áudio e caixas acústicas para a audiência dos resultados) bem como a pertinência do exercício aos propósitos da disciplina de Oficina de Criatividade – promover a sensibilização sobre a mensagem acústica como linguagem.

Quando os resultados obtidos na disciplina de Radiojornalismo, com outra turma em outro ano, foram debatidos pelos alunos a percepção sobre o mercado radiofônico, sobre a produção sónica de sentido a partir dos sons integrados à mensagem verbal acústica e sobre o espaço de criatividade no aproveitamento deste potencial linguístico foram elementos tônicos que pautaram as práticas desenvolvidas a partir daquele momento.

Na aplicação destes recursos e estratégias como exercícios de sensibilização à linguagem e à criatividade na disciplina de Produção em Rádio, TV e Cinema para alunos da Publicidade e Propaganda, a (re)descoberta dos sentidos acústicos e da linguagem sonora como recurso comunicativo pautou as práticas em busca de sonoridades, referências e hibridizações de ritmos e estilos na construção de jingles e spots.

Esses resultados podem ser vistos pelas diferentes sensibilizações que provocam e acionam em estudantes do ensino superior, especificamente no contexto da Comunicação Social, mostrando-se como estratégias de mobilização à reflexão sobre os contextos de produção e consumo da mensagem midiática acústica. Em escolas de ensino médio ou mesmo fundamental as mobilizações junto aos alunos podem/dever ser contextualizadas em suas realidades vividas e mediadas pela ação didático-pedagógica dos educadores.

Estas propostas aqui apresentadas, a partir da perspectiva da educação escolar que se dá na intersecção da Comunicação com a Educação, visa levantar hipóteses de trabalho e construir um encontro

[...] que na visão de Paulo Freire (1979) reflete um ato de constituição, de um diálogo essencial para construir, libertar, mostrar ao homem possibilidades e coloca-lo como receptor e locutor da realidade social, reconhecendo e respeitando o papel da história, da identidade cultural, visto que a educação em si é um ato de conhecer e conscientizar; e até mesmo de conhecer e conscientizar a si mesmo. Educação é muito mais que ensinar e depositar ensinamentos, mas criar possibilidades para construção do conhecimento consciente do ser. (CONDÉ, 2010, p. 3)

A pertinência de aplicação das estratégias e exercícios aqui listados fica aberta à leitura e adequação dos educadores frente aos planos pedagógicos e esquemas didáticos previstos para cada disciplina, para cada turma, para cada escola e em cada circunstância no qual percebem a validade de uma educação para a mídia ou educação com a mídia em suas práticas.

Estratégias didáticas de uso do áudio na escola

Exercício 1 – História sem fim

A proposta deste exercício consiste em utilizar um gravador (digital ou analógico) que permita a gravação contínua da voz (não pode existir muita limitação de tempo de gravação para cada arquivo). Com o equipamento em mãos e um grupo de estudantes em sala, é proposto que a primeira pessoa comece uma história, contada em voz alta. A liberdade criativa sobre os personagens e o desenvolvimento da história mantém como eixo o nexos, o encadeamento entre os fragmentos (seja pela permanência de um ou mais personagens, seja pelo desdobramento das ações e fatos sugeridos). Em sequência (seguindo qualquer tipo de ordem estabelecida pelo educador), os estudantes vão dando sequência à história, dando forma, cor e sabor aos personagens e seus feitos, descrevendo ambientes e sensações, mostrando como as relações entre os elementos que compõem a narrativa se entrelaçam. Podem ser estabelecidos critérios de tempo para cada integrante ou ainda trabalhar com a atenção e a diversidade a partir da intervenção direta do professor-mediador (a cada bater-de-palmas, outra pessoa deve continuar a história) sobre o exercício.

Ao final da história, contada com a participação de todos os integrantes da roda, o professor-mediador deve convidar a turma para ouvir o resultado final. Essa audição não precisa ocorrer imediatamente após a gravação, podendo existir como intervalo entre uma etapa e outra a avaliação do grupo sobre a atividade. Nesta avaliação os educandos devem mensurar suas participações, as dificuldades encontradas no decorrer do exercício e as lições que a história passa ao ouvinte.

Após a audição da história, cada estudante pode ser convidado a traduzir seu conteúdo em forma de texto. Isso permitirá, em última instância, um exercício de memorização, atenção, interpretação e reorganização dos dados conforme os filtros e entendimentos de cada um. A leitura individual, em voz alta, destes textos (depois de finalizados) pode contribuir ainda mais para o entendimento sobre os elementos subjetivos nas narrativas. Alguns questionamentos podem sensibilizar para eles: 1) Todas as histórias escritas foram iguais?; 2) Por que existem diferenças entre essas histórias escritas se a história ouvida foi a mesma?; 3) Será que, assim como nós na sala-de-aula, todos os repórteres de rádio, tv e jornal que ouvem a mesma história

contam ela da mesma maneira?; 4) Quais as possíveis implicações dessas diferentes maneiras de contar a mesma história para os personagens dela?

A educação para a mídia deve atentar não só para aquilo que é dito, mas como essa informação chega até as pessoas. A partir da sensibilização sobre o processo produtivo da mídia é possível construir uma atenção voltada aos discursos e aos jogos de poder implícitos em materiais jornalísticos e publicitários.

O exercício foi nominado aqui de história sem fim porque, a partir dos saberes e das práticas infinitas aglutinadas no ambiente escolar, é possível promover a interação entre turmas por meio dessas histórias, é possível ainda dar continuidade à elas a partir das reflexões apontadas ou fazer com que elas cruzem com conteúdos programáticos de disciplinas específicas a partir de uma provocação do educador.

Por fim, havendo um espaço de socialização destes resultados, não só a história mas também os comentários produzidos a partir da audiência podem ser disponibilizados como arquivos de áudio na internet para acesso irrestrito da comunidade escolar ou ainda difundidos pela rádio-escolar (rádio-poste, rádioweb), se a escola tiver uma.

Exercício 2 – Paisagem sonora

A fundamentação deste exercício está na associação de signos sonoros ao estímulo da construção de paisagens sonoras por meio de imagens endógenas e exógenas. Consiste basicamente em contar histórias, elaboradas individualmente ou em grupo, utilizando sons diversos.

O primeiro desafio proposto é que a história não contenha falas. Podem existir personagens, mas não é permitido exprimir nenhuma ideia por meio de palavras. Neste caso, podem-se excetuar exclamações do tipo “ui” ou “oh”. Risadas e choros, desde que não sejam expressos por palavras, podem incorporar as emoções dos personagens.

A história deve conter começo, meio e fim e uma ambientação. Esse consiste no segundo desafio – construir o local ou ambiente na narrativa por meio de sons. É preciso pensar que sons caracterizam os ambientes e uma pesquisa no entorno da escola ou no ambiente domiciliar podem contribuir para estender o exercício, fomentando o aspecto da pesquisa, da curiosidade e da busca de referências a partir da vivência de cada estudante.

O terceiro desafio deste exercício pode ser incorporado durante as gravações, por estímulo do educador. Neste caso, a tarefa será incorporar algo sugerido pelo docente e que não possui um som específico, exigindo que os membros da equipe elaborem um som para remeter àquela situação ou objeto. Como sugestões podem ser acrescentadas às histórias um sonho, um dinossauro, palavras que saltam dos livros ou ainda uma saudade, todos traduzidos em forma de sons.

Por fim, a execução da história deve acontecer de maneira contínua, sem paradas para edições, cortes ou apagamento de “erros”. Para tanto, deve ser dimensionado um tempo para os ensaios. As apresentações podem ser feitas com gravações individuais dos grupos ou, no caso de não existirem equipamentos adequados para captação e exibição, podem ser executadas “atrás” de um pano ou cortina, como teatro de fantoches, onde a história ganha forma pela capacidade e habilidade de produzir e encaixar sons em detrimento do estímulo visual.

A exigência de uma execução da história de maneira contínua lembra diretamente a forma como eram realizadas as radionovelas na época “de ouro” do rádio (1930-1940). Os sons podem ser produzidos por objetos (preferencialmente os não eletrônicos) ou mesmo pelos corpos dos atores (palmas, galopar de um cavalo com batidas das mãos no peito, roncos e assovios, etc.). Tal contexto também exige dos integrantes do grupo a organização, abre espaço para a criatividade e permite uma “fuga” ao ambiente sensorial da mensagem acústica, condicionando os ouvintes à posição de espectadores.

A avaliação da atividade deve ser dirigida para ambiência das histórias, ou seja, os outros sons que compõe a narrativa e que não referem-se diretamente aos personagens. Quantos desses sons são percebidos hoje em dia? Quais sons são característicos do nosso ambiente domiciliar? Como acontece o processo criativo de um som para algo que não produz sons? Como tudo isso aparece na linguagem cinematográfica? Como os sons interferem na maneira como nos sentimos ou entendemos uma determinada cena na tv ou no cinema?

Exercício 3 – História dos outros

O exercício “História dos outros” consiste na turma toda ouvir uma mesma história, contada por alguém (personagem real ou fictício) uma única vez. Durante a audição, os educandos podem fazer anotações sobre o relato. Ao final da audição, eles devem construir um texto para ser gravado, com duração máxima de três minutos (entre 12 e 15 linhas). Esse texto deve ser um relato deles a respeito da história a que tiveram acesso, recontando-a em um determinado tempo a ser controlado pelo docente.

Com o texto em mãos, cada estudante deve ler em voz alta seu texto. Nenhuma alteração no texto pode ser feita depois do prazo terminado. Ao perceber que a história parece a mesma, mas em vários momentos detalhes surgem e diferenciam-nas levemente. Essa observação deve ser apontada pelo mediador durante ou após as leituras.

Cruzando esse exercício com a leitura de jornais, revistas ou audição de programas jornalísticos radiofônicos ou televisivos em sala-de-aula, pode-se trabalhar de duas formas. A primeira, mostrando que mesmo tratando dos mesmos assuntos,

as fontes mudam e a própria interpretação dos jornalistas sobre o tema também muda. Essas apresentações diferentes podem suscitar uma discussão a respeito dos motivos e das implicações dessas histórias no cotidiano das pessoas.

Outra perspectiva que pode ser adotada sobre o mesmo exercício trata sobre o estímulo à criatividade, exigindo que os estudantes contem uma história de domínio da classe (episódio escolar, contos infantis etc.) sob a perspectiva de outro personagem que não aquele comumente aceito como o narrador. Podem ser sugeridos contar a história da “Chapeuzinho Vermelho” na perspectiva do lobo, uma notícia daquelas analisadas anteriormente em sala-de-aula na perspectiva de outro personagem da mesma história ou ainda algo que tenha acontecido na própria escola e que seja de conhecimento da maior parte da classe. As histórias, ao final, devem ser partilhadas em voz alta pelo autor.

Reconfigurações da mensagem acústica nas relações didático-pedagógicas

Tal exercício tem como proposta fundante a ideia de mudança de perspectiva, exercício da alteridade e de reconhecimento das diferentes “verdades” que compõem o mundo em sua complexidade.

A identidade, como elemento antropológico, filosófico e sociológico que nos diferencia e nos agrega é colocado em evidência a partir do reconhecimento do outro e de sua complexidade na relação comigo e com os outros elementos (coisas) que estão no mundo e fazem parte da experiência de vida. A mediação escolar parece, aos olhos do autor e em concordância com Hall, necessitada de ancoragem e referências.

Quanto mais a vida social se torna mediada pelo mercado global de estilos, lugares e imagens, pelas viagens internacionais, pelas imagens da mídia e pelos sistemas de comunicação globalmente interligados, mais as identidades se tornam desvinculadas – desalojadas – de tempos, lugares, histórias e tradições específicos e parecem “flutuar livremente”. (HALL, 2004, p. 75)

As sugestões aqui apresentadas não são fechadas e nem têm caráter de absolutizar a forma de aproveitamento dos conteúdos produzidos ou das estratégias empregadas. Quer apenas contribuir de maneira prática e instrumental com o exercício docente em diferentes níveis, aproveitando alguns dos recursos midiáticos (ênfase para os que trabalham com mensagens acústicas) para uma mídia-educação crítica e cidadã.

A mídia-educação visa a suscitar e incrementar o espírito crítico dos indivíduos (crianças, jovens e adultos) face às mídias, visando a responder às

questões: como as mídias trabalham; como são organizadas; como produzem sentido; como são percebidos pelos públicos; como ajudar estes públicos a bem utilizá-las em diferentes contextos socioculturais? Seu objetivo essencial é desenvolver sistematicamente o espírito crítico e a criatividade, principalmente das crianças e jovens, por meio da análise da análise e da produção de obras midiáticas. Visa a gerar utilizadores mais ativos e mais críticos que poderiam contribuir à criação de uma maior variedade de produtos midiáticos. Mídia-educação é um processo educativo cuja finalidade é permitir aos membros de uma comunidade participarem, de modo criativo e crítico, ao nível da produção, da distribuição e da apresentação, de uma utilização das mídias tecnológicas e tradicionais, destinadas a desenvolver, libertar e também a democratizar a comunicação. (BAZALGETTE, BÉVORT & SAVIN apud BÉVORT, BELLONI, 2009, p. 1090)

Em resumo, este artigo provoca educadores e professores à reflexão sobre a educação e o papel que a mídia pode exercer no processo de ensino-aprendizagem.

Mais do que isso, pensá-la como uma instância de produção de conhecimento que saiba lidar com os processos comunicacionais, incluindo todo o aparato midiático disponível na sociedade. A análise de diferentes formas e conteúdos midiáticos poderá fornecer elementos significativos para o gestor, para o professor e para o aluno em sala de aula e nos múltiplos espaços de que a escola dispõe, na medida em que esse professor-mediador estiver inteirado dos processos de produção cultural que se apresentam na mídia. (MELO e TOSTA apud SOUSA e SILVA, 2012, p. 102)

Concluindo, e ainda no intuito de instigar provocações, este artigo propõe uma reflexão sobre a educação escolar como uma área de intersecção entre os saberes desenvolvidos academicamente nos âmbitos da Educação e da Comunicação Social. Ainda que a compartimentalização dos saberes se faça evidente na divisão por departamentos e disciplinas em nossas universidades, é relevante aproximarmos os dois campos de conhecimento em busca de uma adequação às estratégias comunicativas, didáticas e pedagógicas mais afinadas com a contemporaneidade.

Referências

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-Educação: conceitos, história, perspectivas.** In *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação.** Campinas: Autores Associados, 2005.

CESAR, Cyro. **Rádio: a mídia da emoção.** São Paulo: Summus, 2005.

CONDE, Evelyn Iris Leite Morales. **Rádio na escola: recortes da percepção dos cursistas de Rondônia no fórum sobre mídia sonora do Programa Mídias na Educação.** 2010. Disponível em www.bocc.ubi.pt. Consultado em 10/05/2014.

NUNES, Márcia Vida. **Rádios comunitárias no século XXI: exercício de cidadania ou instrumentalização.** In Desafios do rádio no século XXI. MOREIRA, Sonia Virgínia; BIANCO, Nélia R. Del (org.). Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MENEZES, José Eugênio de Oliveira. **Rádio e cidades: vínculos sonoros.** São Paulo: Annablume, 2007.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência - O futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo: Editora 34, 1993.

PERUZZO, Cícilia Maria Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania.** Petrópolis: Vozes, 1998.

POZENATO, José Clemente. **Algumas considerações sobre região e regionalidade.** [2003] Disponível em http://www.uces.br/site/midia/arquivos/artigo_pozenato.pdf . Consultado em 11/02/2014.

PIZZI, Jovino. **Mundo da vida e educação: o sentido das experiências cotidianas.** In *Leituras de Paulo Freire: contribuições para o debate pedagógico contemporâneo.* (II) Organizadores: Danilo Streck (et al.). Brasília: Liber Livro Editora, 2010.

SILVA, Regiany; GOMES, Patrícia. **A escola deveria incorporar a ecologia dos saberes.** Entrevista com Muniz Sodré Disponível em <http://revistaforum.com.br/blog/2014/02/a-escola-deveria-incorporar-a-ecologia-dos-saberes/> . Consultado em 11/02/2014.

SOUZA, Elizabeth Gonçalves de; SILVA, Josemir Medeiros da. **A educomunicação formando consumidores críticos da mídia, no ensino fundamental.** In Revista de C. Humanas, v. 12, n. 1, p. 95-107. Viçosa: jan./jun. 2012.